

A Sanção da Toleima: em «Marquesa, Porque Eu Serei Marquês»

Maria Angélica Seabra Rodrigues Martins

Em 1861, Machado de Assis publicou em *A Marmota* uma série de artigos, posteriormente reunidos em *Miscelânea* (2,1962), na forma de um opúsculo. Sob o título de «Queda que as mulheres têm para os tolos», o Autor define aí sua filosofia acerca do relacionamento homem/mulher onde esta, segundo os ditames da sociedade do século XIX, era apenas um meio utilizado pelo homem, através do contrato matrimonial, para ascender social e politicamente.

Nesse ensaio, Machado de Assis divide os pretendentes em dois tipos de homem: o de «espírito» e o «tolo». Sendo feita sobre essa dicotomia a estruturação em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1,1973) dos personagens Brás Cubas e Lobo Neves, no seu relacionamento com Virgília — trio em torno do qual se instala o conflito nuclear do romance — selecionamos o capítulo XLIII «Marquesa, porque eu serei marquês» (1,p.56), transcrito a seguir, onde nos será possível identificar as modalidades, bem como os temas e as figuras utilizadas pelo Autor para definir os papéis temáticos *homem de espírito* e *tolo*, que polarizam o relacionamento de Virgília com os dois pretendentes.

Desta perspectiva, o *homem de espírito*, por exemplo, será definido segundo sua constituição modal (v.g. em termos da tensão entre crer e saber,

querer e poder, fazer e ser), a partir de sua constituição temática (vitória vs. derrota) e os contornos figurativos (horizontalidade vs. verticalidade, rapidez vs. lentidão, acuidade prática vs. acuidade cognitiva, impetuosidade vs. velocidade).

A seguir, transcreveremos o texto a ser analisado:

«Positivamente, era um diabrete Virgília, um diabrete anjélico, se querem, mas era-o, e então... Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi: tal foi o começo de minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro.

— *Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.*

Virgília replicou:

— *Promete que algum dia me fará baronesa?*

— *Marquesa, porque eu serei marquês.*

Desde então fiquei perdido. Virgília comparou a águia e o pavão, e elegeu a águia, deixando o pavão com seu espanto, o seu despeito, e três ou quatro beijos que lhe dera. Talvez cinco beijos; mas dez que fossem não queria dizer coisa nenhuma. O lábio do homem não é como a pata do cavalo de Atila, que esterilizava o solo em que batia; é justamente o contrário.» (1, p.56).

Os valores, no texto, para Lobo Neves e Brás Cubas parecem não funcionar na mesma hierarquia; pois, se para o primeiro, o narrador onipresente sugere ser Virgília um meio que lhe proporcionaria ascensão político-social (embora indiretamente também o fosse para si — «a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências», «me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas», «Marquesa, porque eu serei marquês»; para o segundo, a moça aparece revestida de uma conotação carinhosa que, neste

capítulo-texto, fornece ao leitor a impressão de um Brás Cubas enamorado, para quem a candidatura é um objeto secundário: «diabrete angélico», «fiquei perdido», «o lábio do homem não é como o cavalo de Átila, que esterilizava o solo em que batia(...)».

Desta forma, embora os valores pareçam hierarquicamente distintos, S1 (Brás Cubas) e S2 (Lobo Neves) são colocados como anti-sujeitos, um em relação ao outro, porque disputam um mesmo *objeto* (valor, para o primeiro; modal, para o segundo). Se para Brás Cubas, Virgília é uma pessoa a quem está ligado afetivamente, embora também deseje a candidatura, para Lobo Neves a moça é um meio (*objeto modal*) através do qual obterá mais facilmente a candidatura, seu objeto-valor.

O conceito de intertextualidade possibilita-nos, neste ponto, a confrontação do capítulo XLIII --«Marquesa, porque eu serei marquês»-- (1, p.56), com o ensaio machadiano «Queda que as mulheres têm para os tolos», onde o Autor define o conceito de mulher, na visão do «homem de espírito»:

«As mulheres são para ele entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as próprias idéias, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele de generosidade, nobreza e grandeza.» (2, p.967).

E sobre a personalidade do «homem de espírito»:

«Naturalmente tímido, exagera mais ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito, torna-o desconfiado, indeciso, atormentado.» (2, p.967).

«Respeitoso até a timidez, não ousa exprimir o seu amor em palavras: exala-o por meio de uma não interrompida série de meigos cuidados, ternos respeitos e atenções delicadas.» (2, p.967).

O mesmo texto onde Machado discorre sobre sua filosofia acerca do relacionamento homem/mulher explica, também, que o «tolo» (menos intelectualizado), não possuindo os escrúpulos acima mencionados, é revestido de sangue frio e segurança:

«Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audácia. Mostra a todos que a ama, e solicita com instância provas de amor(...) importuna-a, acompanha-a nas ruas, vigia-a nas igrejas e espia-a nos espetáculos. Arma-lhe laços grosseiros (...) porquanto revela-lhe o instinto, que pela adulação é que se alcançam as mulheres» (2, p.967).

«O tolo é um amante sempre contente e tranqüilo. Tem tão robusta confiança nos seus predicados, que antes de ter provas, já mostra a certeza de ser amado.» (2, p.968).

«Como não é ele que ama, é ele quem domina. Para vencer uma mulher finge por alguns momentos o excesso de desespero e paixão (...) Logo depois recobra ele a tirania, e logo depois não a abdica mais.» (2, p.969).

«De resto, como nos tolos tudo é superficial e exterior, não é o amor um acontecimento que lhes mude a vida: continuam como antes a dissipá-la nos jogos, nos salões e nos passeios. » (2, p.967).

Tal confrontação permite-nos traçar um paralelo entre o texto acima mencionado e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* onde Brás é o «homem de espírito» e Lobo Neves o «tolo», insinuação feita pelo próprio narrador, quando classifica o rival como menos intelectualizado —«nem mais lido»— comparando-o a si próprio. Desta forma, deduz-se que Virgília, para Brás Cubas/homem de espírito, não poderia ser um objeto modal, pois seu conceito de mulher era elevado. Lobo Neves/tolo, entretanto, não considerando o amor algo primordial, na verdade utiliza a chance propiciada pelo casamento com a moça para alcançar seu verdadeiro objetivo: a ascensão político-social.

Apesar de Brás Cubas se ver como um portador de qualidades necessárias a um vencedor (esbelto, elegante, simpático, mais lido — este último, o único traço de uma competência adquirida), ele perde, permanecendo como sujeito disjuncto do objeto-valor. No percurso do sujeito Brás Cubas não ocorre a *realização*, pois o sujeito de fazer sofre um bloqueio (conflito entre as modalidades do dever/querer e do saber/fazer) o que interfere em sua *performance*.

Em Lobo Neves sincretizam-se dois papéis actanciais: o de sujeito de estado disjuncto do objeto-valor (para quem Virgília funciona como um objeto-modal) e o de sujeito de fazer, competente, modalizado segundo um *saber-*

fazer, que realiza sua *performance* (faz-ser) e obtém uma sanção positiva. Seu programa narrativo principal se define a partir de um programa narrativo secundário, de uso — casamento com Virgília — que lhe tornará possível obter seu propósito: a ascensão político-social.

Um outro aspecto digno de nota é aquele ao qual a intertextualidade conduz, explicando uma constante em Machado de Assis onde o «tolo», além de menos intelectualizado que o «homem de espírito», é também mais impetuoso e detentor de todos os louros:

«Por menos observador e menos experiente que seja, qualquer pessoa reconhece que a toleima é quase sempre um penhor de triunfo.» (2, p.969);

«O tolo não se faz, nasce feito» (2, p.966);

«O tolo é abençoado do céu pelo fato de ser tolo, e é pelo fato de ser tolo, que lhe vem a certeza de que, qualquer carreira que tome, há de chegar felizmente ao termo» (2, p.966);

«Ignora o que é ser corrido ou desdenhado» (2, p.966);

«O que opor-lhe como obstáculo? É tão enérgico no choque, tão igual nos esforços e tão seguro no resultado!» (2, p. 966);

«Mulher alguma resistiu nunca a um tolo.» (2, p.966).

Diante de tal filosofia irônico-pessimista, o homem de espírito/Brás Cubas obviamente seria um perdedor, enquanto o tolo/Lobo Neves, portador da *toleima* — «um dom, uma graça, um selo divino» — e a quem conviria um pouco de vulgaridade, sempre venceria.

Em “Marquesa, porque eu serei marquês” convém, ainda, observar o jogo semântico efetuado pelo narrador entre Brás Cubas/pavão/perdedor vs. Lobo Neves/águia/vencedor, onde ocorre a sugestão de que o fato de Virgília ter optado pelo segundo é o resultado de uma *prova*, da qual resulta a conjunção de Lobo Neves com seu objeto-valor (que para ele funciona, antes, como objeto-modal), enquanto Brás Cubas fica disjunto de Virgília e da candidatura.

Uma observação dos traços que caracterizam a *águia* e o *pavão* nos irá conduzir a:

PAVÃO	ÁGUIA
* Horizontalidade	* Verticalidade
* Ave terrestre	* Ave celeste
* Vôos curtos e de pouca altitude	* Vôos longos e de grande altitude
* Beleza	* (Não marcado)
* (Não Marcado)	* Acuidade
* Garras impróprias para caçar	* Garras apropriadas para caçar.

Em uma relação de contigüidade, os atores são apresentados como:

BRÁS CUBAS/PAVÃO	LOBO NEVES/ÁGUIA
* Elegante	* (Não marcado)
* (Não marcado)	* Esperteza
* Simpático	* (Não marcado)
* Hesitante	* Impetuoso
* Esbelto	* (Não marcado)
* (Não Marcado)	* Ambição
* Mais lido	* Menos lido
* (Não marcado).	* Cercado por grandes influências
* O que cede	* O que não cede

MAS	MAS
* Não concretiza seu querer	* Concretiza seu querer
* Não age	* Age

Apesar de os valores — esbelteza, elegância, simpatia, intelectualidade — coexistirem em Brás Cubas com as modalidades (dever/querer e poder/saber) este vive um conflito hiperonímico entre o *crer* e o *não-crer*, não conseguindo, por isso, chegar à *realização*, isto é, ao *fazer-ser*. Fracassa, porque é marcado pela veleidade: não age no sentido de manter a conjunção que

acredita possuir com o objeto-valor, pois não crê em sua competência, o que concede a Lobo Neves a oportunidade de arrebatar-lhe Virgília e a candidatura.

A expressão «com ímpeto cesariano» confere a «dentro de poucas semanas» um caráter de transformação repentina que, aliado a «arrebato» e a «águia», evidencia a natureza impetuosa e atuante de Lobo Neves. No diálogo travado entre este e Virgília, entretanto, a impetuosidade da «águia» é suplantada pela perspicácia de sua *presa*. Aqui ocorre um subprograma narrativo que narra o *fazer-querer*, isto é, a instauração do sujeito modalizado segundo um *querer/fazer* por ação de um sujeito destinador — Virgília — que manipula um destinatário — Lobo Neves — tornando-o mais ambicioso:

— *Promete que algum dia me fará baronesa?*

— *Marquesa, porque eu serei marquês.»*

Neste momento da narrativa em que Lobo Neves desempenha um papel de objeto-modal e Virgília, a função de um sujeito de fazer (realizado), estabelece-se um contrato. Brás Cubas fica, então, disjunto do objeto-valor: «fiquei perdido» (1, p.56).

A definição de «diabrete angélico», apresentada logo no início do texto, fornece uma pista de que Virgília não se restringirá a um mero objeto (valor, para Brás Cubas; modal para Lobo Neves); mas, no decorrer da narrativa passará a sujeito de fazer competente, que realiza sua *performance* — fazer Lobo Neves ficar mais ambicioso, através de um jogo de sedução/manipulação.

É patente, na escritura machadiana, a refinada crítica feita pelo Autor à sociedade do século XIX, que relegava a mulher à condição de mero objeto, do qual se servia o homem, mediante o casamento, para ascender social e politicamente. Machado de Assis, entretanto, extrapola, colocando este *ser/angélico/objeto* na posição de *fazer/diabrete/atuante*, que utiliza as próprias regras da sociedade opressora, subjugando seu opressor virtual: o homem, fruto desta sociedade. A mulher, neste caso, é «diabrete» no sentido de um ser imbuído de sagacidade; e em Virgília a acuidade da águia é a característica-chave.

Virgília, o «diabrete angélico», opta por Lobo Neves, pois crê na capacidade do mesmo, que se mostra mais promissor que Brás Cubas, a fim de alcançar seu objetivo de vida: ser poderosa e respeitada dama da nobreza. Logo, o primeiro pretendente, marcado pela veleidade, não poderia servir a seus propósitos ambiciosos, se comparado ao atuante — e de atuação manipulável — Lobo Neves.

O texto de Machado de Assis confere à mulher, objeto de disputa de dois homens, características de ambos: o *diabrete* iguala-se em pensamento e inteligência ao *homem de espírito*, mas o *angélico* faz com que ela se perca na ambição do *toló*.

Assim, embora em «Queda que as mulheres têm para os tolos», Machado de Assis justifique a atitude feminina como fruto da própria sociedade em que foi criada («Efetivamente o estranho que ler as suas missivas, nada tem a dizer; na mocidade o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra coisa. Todos estão satisfeitos, até os amigos. Que querem mais?» [2, p.971]), no mesmo ensaio o leitor se depara com um outro trecho que parece esclarecer, singularmente, a opção de Virgília:

«Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio a saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nêla a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é... a toleima!» (2, p.966).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- (1) ASSIS, J.M.M.de - **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo, Editora Ática, 1973 (4ª edição).
- (2) ASSIS, J.M.M.de - "Queda que as mulheres têm para os tolos", in **Miscelânea, Obra Completa**. Rio de Janeiro, Ed.José Aguillar, 1962 (vol. III).
- (3) BARROS, D.L.P.de - **Teoria do discurso. Fundamentos semióticos**. São Paulo, Atual Editora, 1988.
- (4) CASTELO, J.A. - **Machado de Assis - Crítica**. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1959.
- (5) COUTINHO, A. - **A Filosofia de Machado de Assis e Outros Ensaio**. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959.
- (6) DESMEDT, N. E. - **Semiótica da narrativa**. Trad. Dra. Alice Maria Frias, Coimbra, Livraria Almedina, 1984.
- (7) GRUPO DE ENTREVERNES - **Análisis semiótico de los textos - Introducción, teoría, práctica**. Trad. Ivan Almeida, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1982.
- (8) PEREIRA, L.M. - **Machado de Assis - Estudo crítico e biográfico**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1955 (5ª edição).